

Artigo

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2023i34e68368>

ITINERÂNCIAS SOBRE A NOSSA RELAÇÃO COM A ESCRITA: RELATOS E EXPERIÊNCIAS

Vanessa Fragoso¹

Mônica Daltro²

RESUMO

Este artigo, resultado de observações realizadas no contexto de uma pesquisa itinerante, explora a escrita como um processo transformador e sensorial, comparando-a ao trabalho do oleiro que molda o barro. A partir de uma experiência vivida em olarias, a reflexão se expande para mostrar como a escrita, assim como o artesanato, envolve os sentidos e a criatividade, conectando o passado ao presente. Ao estabelecer paralelos com figuras como Anne Frank, cujo diário se tornou um símbolo de resistência, e Vincent Van Gogh, que usava as cartas como forma de expressar suas emoções mais profundas, o texto discute o papel da escrita na construção de legados culturais e afetivos. Autores como Paulo Freire e Merleau-Ponty ajudam a fundamentar a visão da escrita como uma prática de expressão que vai além do registro histórico, sendo uma maneira de moldar ideias, sentimentos e narrativas. A mensagem final destaca o impacto duradouro da escrita, que, assim como as obras de arte e as criações manuais, transcende o tempo e transforma tanto o escritor quanto o leitor, deixando um legado que ecoa para as futuras gerações.

Palavras-chave: Escrita; Processo Sensorial; Criatividade; Legado Cultural; Transformação.

ABSTRACT

This article, based on observations from an itinerant research project, explores writing as a transformative and sensory process, drawing parallels with the work of a potter shaping clay. Through an experience in pottery workshops, the reflection expands to illustrate how writing, like craftsmanship, engages the senses and creativity, bridging past and present. By establishing connections with figures like Anne Frank, whose diary symbolizes resilience, and Vincent Van Gogh, who expressed his deepest emotions through letters, the text discusses the role of writing in building cultural and emotional legacies.

¹ Psicóloga. CRP/06:193567 | Arteterapeuta | Pedagoga

Dra. Medicina e Saúde Humana – Linha de Pesquisa em Saúde Mental/Neurociência

Me. em Tecnologias em Educação e Redes Sociais

Consultora Sociopedagógica Ad-hoc no PROAP, Escola de Adm. - UFBA | Profa. Orientadora de TCC em Adm. Pública - UFBA | Profa. em Programas de Pós-Graduação nas áreas de Saúde e Educação

Iniciativas nas Interfaces entre Aprendizagem Criativa, Saúde e Educação

Especialista em Desenvolvimento de Pessoas e Aprendizagem Corporativa

São Paulo/SP. vanessafragoso@yahoo.com.br Lattes: lattes.cnpq.br/0735288007250867

² Psicóloga/ Professora Titular

Dra. Medicina e Saúde Humana – Linha de Pesquisa em Saúde Mental/Neurociência

Curso Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Medicina e Saúde Humana

Coordenadora do Mestrado Profissional Psicologia e Intervenções em Saúde

Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

Editora Científica da Revista Psicologia Diversidade e Saúde

monicadaltro@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/8275952865057393>/<https://orcid.org/0000-0002-5579-0914>

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.2 n34e68368

e-ISSN: 1982-4807

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

..... Artigo

Grounded in authors such as Paulo Freire and Merleau-Ponty, the article presents writing as an expressive practice that transcends historical records, molding ideas, emotions, and narratives. The final message emphasizes the enduring impact of writing, which, like art and handcrafted works, transcends time, transforming both the writer and the reader while leaving a legacy that resonates with future generations.

Keywords: Writing; Sensory Process; Creativity; Cultural Legacy; Transformation.

RESUMEN

Este artículo, basado en observaciones realizadas en el contexto de una investigación itinerante, explora la escritura como un proceso transformador y sensorial, estableciendo paralelismos con el trabajo del alfarero que moldea el barro. A partir de una experiencia en talleres de alfarería, la reflexión se amplía para ilustrar cómo la escritura, al igual que la artesanía, involucra los sentidos y la creatividad, conectando el pasado con el presente. Al establecer conexiones con figuras como Ana Frank, cuyo diario simboliza la resiliencia, y Vincent Van Gogh, quien expresó sus emociones más profundas a través de cartas, el texto analiza el papel de la escritura en la construcción de legados culturales y afectivos. Basado en autores como Paulo Freire y Merleau-Ponty, el artículo presenta la escritura como una práctica expresiva que trasciende los registros históricos, moldeando ideas, emociones y narrativas. El mensaje final destaca el impacto duradero de la escritura, que, al igual que el arte y las obras artesanales, trasciende el tiempo, transformando tanto al escritor como al lector, dejando un legado que resuena en las generaciones futuras.

Palabras clave: Escritura; Proceso Sensorial; Creatividad; Legado Cultural; Transformación.

INTRODUÇÃO

A forja das palavras é escrever como ato criativo e duradouro. Imagine o ato de escrever como um artesão moldando palavras, tal qual um Oleiro transforma a argila em formas únicas. É a partir da sensibilidade desta experiência sensorial que este artigo se desenvolve em torno de três *Relatos* que oferecem visões instigantes sobre a nossa relação com a escrita, trazendo à baila as nuances e deslocamentos que ela provoca.

No *Relato I*, por exemplo, estabeleço uma analogia poética entre o ato de escrever e o trabalho do Oleiro, que com suas mãos molda a argila, da mesma forma que o escritor dá forma a ideias, sentimentos e experiências por meio das palavras.

Nos *Relatos II e III*, inspirada por minhas visitas aos museus de Van Gogh e Anne Frank, compartilho reflexões sobre os significados que esses autores atribuíram à escrita ao longo de suas trajetórias de vida. Convido vocês a mergulharem nesses *Relatos*, cada um oferecendo uma visão única, mas todos convergindo nos temas de Arte, História e Criatividade. Esses relatos examinam a escrita sob diferentes óticas: o "Porquê", o "Como" e os "Efeitos" de escrever. As referências ao diário de Anne Frank e às cartas de

Revista Ponto-e-Vírgula, São Paulo, V.2 n34e68368

e-ISSN: 1982-4807

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

..... Artigo

Vincent van Gogh nos levam a questionar e refletir sobre a necessidade profunda de escrever e o legado que deixamos por meio das palavras.

RELATO I: A MATÉRIA PRIMA DAS OLARIAS E OS ARTEFATOS DA ESCRITA

Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertença. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.
Walter Benjamin

Começo com uma confissão inesperada! Nunca, nem nos meus devaneios mais ousados, imaginei que este artigo surgiria de uma conexão tão improvável: a escrita e o ofício das olarias. Quando me sentei para organizar meus rascunhos, rabiscando ideias soltas no papel, meus olhos foram atraídos por uma *Sereia* de barro pendurada na parede, me observando silenciosamente. E foi nesse instante que algo inesperado aconteceu: percebi que minhas ideias, ainda sem forma, eram como o barro bruto. A escrita, então, tornou-se o ato de moldar essas ideias, assim como o oleiro transforma a argila em algo único. É nesse processo de dar vida às palavras que, juntos, começamos a criar algo que antes só existia no plano do imaginário.

Observando a *Sereia* de barro, meus pensamentos voltavam às visitas que fiz às olarias de Maragogipinho, uma comunidade localizada no município de Aratuípe, a cerca de 80 km de Salvador, no Recôncavo Baiano. Ali, os artesãos transformam a argila em peças que carregam o peso da história e a habilidade ancestral. Como disse Paul Ricœur: *A memória é o que nos liga ao passado, não como algo estático, mas como um movimento vivo de interpretação*. Assim como os cerca de 150 Oleiros de Maragogipinho moldam a argila com suas mãos, criando cerâmicas que são verdadeiros testemunhos culturais, o processo de escrever também é uma arte de modelagem. Nós, quando nos propusemos a escrever, lançamo-nos à serviço da matéria-prima das palavras, moldando-as para dar forma ao pensamento, conectando o presente ao passado em uma contínua criação de significados, perpetuando saberes e fazeres ao longo do tempo.

Essa lembrança me transportou para cenas em que o olhar atento do Oleiro se inclina sobre a roda giratória, criando uma coreografia precisa com as mãos. O "torno" -

..... Artigo

uma máquina que gira continuamente enquanto ele trabalha - é essencial para dar forma à argila. À medida que o torno se movimenta, o Oleiro vai umedecendo a massa com cuidado, garantindo que ela não seque. Cada gesto é cronometrado pela sua intuição, conferindo ao processo a fluidez e a delicadeza necessárias para transformar a argila bruta em arte. Mãos que, em movimentos circulares, alisam o barro e esculpem as cerâmicas com uma precisão quase hipnótica.

Não pude deixar de associar essa cena à nossa própria relação com a escrita, que também pode ser trabalhada manualmente ou de forma digital, como se moldássemos palavras da mesma forma que o Oleiro molda a argila. Lembro da intensa quentura do forno onde as peças ganham vida, e do fascínio que senti ao observar os dedos firmemente mergulhando e moldando o barro, sentindo sua textura mudar a cada toque.

Cada peça finalizada, decorada com rendas, flores e arabescos brancos, era uma obra-prima por si só. Naquele lugar, havia um cenário: uma trama viva que convoca sentidos, cores terrosas, o som suave das mãos modelando o barro, e o perfume das peças recém-criadas na vitrine do nosso curioso olhar que passeava no ambiente que respirava história e arte. As artesãs, com gestos cuidadosos e precisos, decoravam as cerâmicas como quem escreve poesia em cada traço.

Havia também muitas crianças, com olhos brilhantes, que puxavam os visitantes pelas mãos, guiando-os com entusiasmo por um universo de criação. Os Oleiros santeiros, mestres em transformar a matéria em simbologia sagrada, traziam esculturas, carregadas de uma ancestralidade. Até a refeição no restaurante à beira do rio, integrava a jornada de maneira fluida, quase mágica. Não era apenas um lugar que se visitava; era uma experiência que envolvia, que tocava fundo, despertando a conexão entre o presente e o passado, entre o humano e o material.

De fato, uma atmosfera de imersão que se aproxima da noção de "engajamento sensorial" dita em Merleau-Ponty (2004), ao destacar como o ambiente, por meio de interações corporais e perceptivas, desperta uma compreensão enraizada da cultura e das tradições, criando uma experiência que transcende a observação visual. Muito próximo a isto, Paulo Freire (1996) nos lembra que o ato de escrever é um processo de criação e recriação, um exercício que transforma tanto o sujeito quanto o mundo ao seu redor. Assim como nas Olarias, onde o Oleiro molda o barro bruto, o escritor molda suas

..... Artigo

palavras e pensamentos, conectando passado, presente e futuro através de uma obra que transcende o tempo e o espaço.

É pelo caminho desta lembrança, que sigo tecendo reflexões sobre "o jeito de fazer" em nossa relação com a escrita e o "modo de fazer" no manejo do artesão, reconhecendo que ambos trabalham com diferentes linguagens e matéria-prima. Oleiro molda a argila, nós moldamos as palavras e eis que, aí está a linguagem, em seu sentido mais amplo, enquanto um sistema de comunicação essencial à atividade social humana. Nesta perspectiva Bronckart (1999) aponta que ela se manifesta em diversas formas de interação, como signos: olhares, gestos, expressões faciais, cores, luzes, ruídos, imagens fixas (desenhos, pinturas, fotos), imagens em movimento (filmes), língua falada e língua escrita.

Da mesma forma, Vygotsky (1998) reforça que a linguagem é uma ferramenta mediadora do pensamento e da cultura, sendo fundamental para a construção de significado nas nossas interações e criações. Tanto o artesão quanto o escritor trabalham com esses recursos, transformando matérias brutas — seja a argila ou as palavras — em expressões carregadas de significado e criatividade.

É flexível, adaptável e, nos dá espaço para criar. Os artesãos, com suas mãos hábeis e olhares atentos, fazem da linguagem artística sua forma de comunicação, enquanto os escritores esculpem suas ideias através das palavras. Ambos, contudo, compartilham um destino comum: a magia de transformar a matéria-prima em algo repleto de significado. Se a matéria-prima é o alicerce essencial para qualquer criação, os oleiros, como guardiões de um saber ancestral, tomam para si o barro e a argila, moldando-os em formas que transcendem o tempo. Cada peça nasce do toque cuidadoso, do movimento compassado, como se o barro contasse segredos antigos e, em resposta, fosse transformado em arte.

Da mesma maneira, quem escreve se lança na tarefa de "moldar" o texto, fazendo das palavras a sua argila. É a partir de conhecimentos, leituras, sabedorias e, acima de tudo, da criatividade, que o escritor dá forma aos pensamentos. Como sugere Barthes (1984), o escritor é alguém que se encontra "entre o desejo de escrever e a necessidade de comunicar", moldando o texto em meio às tensões da linguagem. Nesse mesmo caminho, Bakhtin (1981) afirma que "a palavra é sempre metade de alguém", ou seja, a

..... Artigo

escrita é um processo dialógico, onde a criatividade do autor interage com a cultura, as vozes e as histórias que o circundam. Assim, o escritor, tal como o oleiro, cria algo único a cada frase, revelando, em cada linha, um universo que emerge das mãos e do coração.

Escritor e Artesão, abraçam o “como” fazer do seu trabalho através das mãos que, revelam para fora, a arte que existe no âmago de cada um. Ambos, para dar “corpo” ao seu trabalho, moldam através: da criatividade, dos seus saberes, intervenção do seu repertório de vida. Se moldar o barro ou escrever um texto, ambos querem comunicar ideias, expressar emoções e desejos.

Em seu ofício, o artesão, pode usar técnicas de modelar à mão, dispondo métodos rudimentares e complexos. Os ceramistas usam mãos que amassam, mexem, batem e moldam bolas de argila, até que chegue na forma desejada: o trabalho final, concluído. Na relação de escrever também usamos técnicas para dizer algo, que aqui, nos referimos ao texto. Um outro jeito do seu fazer é pelo uso de uma máquina giratória, o “Torno de Cerâmica”, que pode ser manual ou elétrico.

Os ceramistas - entre si - dispõem de técnicas e métodos similares que, facilitam a criação das formas e, o seu talho mais preciso para o que pretendem esculpir, mas, entre um oleiro e outro, as peças nunca serão iguais. Cada ceramista trará de si, o seu estilo próprio de criar, a sua originalidade e na riqueza de detalhes. Michaelis (2022) pontua que escrever requer habilidade, arte, maneira pessoal, técnica, método individual de expressão, estilo.

Assim vale, também, para os que escrevem, pois, na relação de elaborar a escrita, técnicas e métodos dependerão de quem usa e, quem usa, trará da sua subjetividade a sua assinatura, a sua estética de fazer a escrita, o seu estilo. Em nossa relação, no ato de elaboração da escrita, lançamos o uso de métodos e técnicas que, a depender da natureza do texto: jornalístico, tese, relatório, diário, escrita médica, petição etc. indicará um caminho. Contudo, é no conhecimento sobre o tema abordado, no repertório de palavras, na imaginação e criatividade, nas influências das muitas experiências de vida, de quem escreve, que floresce o seu estilo particular, suas peculiaridades para assinar o texto “moldado”.

Evocar as lembranças de quando visitei as Olarias, me remeteu à conversa com o “Zé das Mandalas”. Ele adorava fazer Mandalas, elas eram o seu estilo, a sua

..... Artigo

especialidade e, não lhe faltavam encomendas. Um fato curioso foi quando ele mencionou que ter muitas encomendas não era tão bom, mesmo que garantisse o lucro. Dizia sentir prazer, quando moldava as Mandalas guiado pelas suas ideias, sua criatividade, sem ter compromisso com os detalhes da encomenda.

Em outras palavras, não tinha que seguir um rigor e, enquanto ia girando o torno, usava a sua imaginação para adornar e chegar até um resultado que lhe agradasse, que o fizesse sentir satisfeito. Quando fazemos algo a serviço da nossa liberdade criativa, parece que nos sentimos com mais autonomia para protagonizar nossas habilidades. Assim como a liberdade criativa para manipular a massa, ainda que a linguagem escrita reporte a regras: gramaticais, signos e símbolos, memorização etc., quando lidamos com um tema do nosso desejo, um assunto do nosso querer, parece que damos mais espaço, liberdade, para escrever e a nossa relação com a escrita flui.

Por traz do ato de escrever está a nossa intenção, portanto, está cheio “da gente”, está repleto de subjetividade, dos nossos pensamentos e do que sentimos. Saber regras e técnicas não garante a habilidade de desempenhá-las de maneira fluente e exitosa. A escrita é, para nós, e não, contra nós!

RELATO II: AS CARTAS DE VAN GOGH – EMOÇÃO, ARTE E A ESCRITA COMO LEGADO

Todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé.
Philippe Lejeune

Diferentes pontos de vista habitam o olhar de pluralidade cultural sobre a importância e a função da escrita. Engendram reflexões sobre a sua função na vida cotidiana e, despertam interesse de: psicólogos, historiadores, filósofos, médicos, artistas entre tantos outros pesquisadores das mais diversas áreas.

Em março de 2023, eu me aventurei em uma breve incursão – por interesse pessoal - no desejo de estar em algum lugar onde eu pudesse interagir com diferentes linguagens do universo artístico. Fui para Amsterdam e durante 20 dias, visitei Museus e, aproximei-me das mais diversas manifestações e linguagens das Artes – verbais e não verbais - espalhadas pelo espaço urbano. Esta imersão, não fazia parte do meu roteiro oficial, enquanto pesquisadora de um doutorado, mas a minha itinerância, em cada lugar

..... Artigo

que pude visitar e interagir, não se separava da pergunta: *Será que eu vou encontrar aqui alguma coisa relacionada à escrita?*

Eis que, durante a visita ao Museu de Van Gogh, fui tomada pelo sentimento de surpresa ao saber que Van Gogh (1853-1890) foi um forte adepto da escrita, usando cartas. Aqui vale ressaltar que, cartas, naquela época, eram o principal meio de comunicação à distância.

Que este artista Holandês, notado mundialmente pela sua produtividade artística, e por ser uma das figuras mais influentes na história da Arte, eu já sabia. Mas, que na sua história de vida, a escrita de cartas se fez protagonista e tomou o sentido da sua necessidade de se comunicar para se relacionar, me impactou. Fez-me refletir sobre a grandeza de tudo que estava ali. Sobre o “PORQUE” precisamos escrever, e sobre a importância de tomarmos a escrita para e, na nossa construção histórico-vivencial.

Enquanto eu caminhava por cada cenário da exposição sobre a linha do tempo que descrevia momentos marcantes da história de vida de Van Gogh, eu era guiada por um áudio instrucional que em todas as explicações, não dissociavam as cartas que Van Gogh enviava para seu irmão Théo, das explicações de cada obra de Arte que ele compôs, exatamente porque eram nas cartas que residiam as suas intenções à obra criada.

Percorri cada etapa da exposição, curiosa por saber o que eles escreviam. As cartas tinham textos que, por si só, constituíam obras de arte, ao passo em que também eram poéticos e filosóficos. Desenhavam sua história – mediada pela escrita - onde, nesta relação de convivência e comunicação entre o “eu” e o outro e abarcavam: afetos, contados no relato dos seus sacrifícios emocionais e da luta constante pela vida; sobre descobertas, quando registravam o que aprenderam para aprofundar as técnicas da sua arte; sobre as muitas informações que eles adquiriram quando mencionam um ao outro os conteúdos literários que liam fazendo brotar ideias em sua mente.

Cada detalhe da exposição reportava, a trechos específicos das cartas que referiam muitas informações sobre os ensaios temáticos das suas obras, a análises que faziam sobre o que pintavam, e os mais curiosos registros autorais. Reuniam um tipo de conhecimento, através de muitas informações sobre as experimentações com texturas de tinta, particularidade das técnicas e, os efeitos da mistura das tintas, uma predileção pelo amarelo.

..... Artigo

Foram inúmeras cartas trocadas, ao longo da sua vida adulta - período de 1888 a 1890 – revelando a carinhosa e confidente relação entre irmãos. Contavam sobre o dia a dia deles, o que pensavam sobre a vida, a pintura e, expunham seus pensamentos, medos, alegrias e relatos que pontuavam sobre a percepção que eles tinham sobre a sociedade da época. Falavam das particularidades de cada tela em que estavam trabalhando. Em algumas cartas era possível ver alguns rascunhos.

Em suma, os conteúdos destas trocas entre Théodore e Van Gogh - mesmo sendo correspondências pessoais – tomaram valor de documento considerando os testemunhos que faziam menção a fatos da época e à partilha de informações tomadas como referência na sistematização e elaboração de conhecimentos sobre conceitos e técnicas importantes. Bacceg (2002) nos diz que um documento se constitui de conhecimentos que ali estão registrados, com informações de caráter decisivo. A escrita destas cartas, tomou relevância acadêmica, social e cultural ao passo em que apresentaram caminhos que sugeriram à informação biográfica sobre vida e obra do pintor.

Uma outra coisa que me chamou a atenção, foi a textura do papel. Não era possível pegar, eles estavam expostos em uma caixa de vidro, mas era possível observar as folhas amareladas (não sei dizer se é o efeito do tempo), de gramatura mais encorpada, daqueles que quando a gente abre, faz um barulho mais grave. Arriscaria dizer que a aparência é próxima do tecido de algodão cru. Também foi inevitável não fazer comparações entre os nossos recursos atuais para comunicação, do mais moderno ao menos sofisticado.

Ainda que, atualmente, tenhamos recursos mais práticos, que garantem agilidade para nos comunicarmos, eu confesso que, enquanto eu lia as imagens dos trechos das cartas atribui um certo charme e elegância. Havia um certo romantismo, pois, em muitas era possível notar confissões de amor e do seu estado de espírito entre irmãos quando declaravam sua lealdade.

À medida que eu ia interagindo, mais e mais perguntas me inquietavam. Era muita coisa para ver, afinal em todo o planeta, era exatamente aquele Museu que abrigava a maior coleção de obras do artista. São conteúdos tomados a partir das mais de 700 cartas (para o irmão, esposa, amigos e muitos membros da família). Muitas vinham anexadas

..... Artigo

com ilustrações, e esboços de suas pinturas. Todas trazem informações e episódios que versam sobre temas que merecem ser aprofundados.

Já no final da minha visita, fui tomada pelos efeitos que aquela experiência, tão única, me causou, a citar: grandes emoções e lampejos criativos. Então, eu começo a me perguntar de que maneira aquelas cartas impactaram para prosperar o seu legado. Primeiro, é preciso reconhecer o quanto as cartas deste icônico pintor são capazes de conquistar aos apreciadores das artes por trazerem nelas, ilustrações inéditas e informações muito peculiares. Dizem: da sua felicidade criativa, das suas angústias, dos seus ideais religiosos, das experiências emocionais e suas convicções filosóficas. Toda aquela vasta coleção de notas escritas apresentava fatos da sua vida que indicam a construção da progressão de sua carreira.

Em meio aos meus solilóquios, reflito sobre como o conhecimento de uma sociedade só pode perdurar e ser compartilhado se for registrado. Seja em um livro, carta, imagem, fotografia, áudio ou música, o ato de documentar é essencial para preservar o saber. Como bem coloca Le Coadic (2004), "o objetivo da informação é o conhecimento que comporta um sentido, um significado a ser transmitido". Nesse sentido, as cartas, documentos ou registros não são apenas relatos, mas verdadeiros veículos de estudo e pesquisa.

Eles mobilizam emoções, inspiram descobertas e, à medida que são explorados, seu valor e efeito se expandem. O que o autor conta sobre suas experiências — o que viveu, sentiu, e como isso o tocou — é, em última instância, um espelho do que também nos acontece, do que nos toca, revelando o poder da escrita como uma constante de comunicação entre a experiência pessoal e o saber coletivo, colaborando assim para o avanço da ciência e do conhecimento.

Assim como o oleiro transforma a argila bruta em uma obra de arte que carrega em si a memória e a cultura de seu povo, o ato de escrever também molda o conhecimento bruto da experiência humana em algo perene, capaz de atravessar gerações. Cada palavra, cada frase, é um movimento preciso das mãos do escritor, como se ele esculpisse, letra por letra, o testemunho de sua vivência. O barro nas mãos do oleiro ganha forma e significado; o texto, nas mãos do escritor, adquire profundidade e sentido.

..... Artigo

RELATO III: O DIÁRIO DE ANNE FRANK – A ESCRITA COMO TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA

Sábado, 20 de junho de 1942 - “O papel tem mais paciência do que as pessoas.” Pensei nesse ditado num daqueles dias em que me sentia meio deprimida e estava em casa, sentada, com o queixo apoiado nas mãos, chateada e inquieta, pensando se deveria ficar ou sair. No fim, fiquei onde estava, matutando. É, o papel tem mais paciência, e como não estou planejando deixar ninguém mais ler este caderno de capa dura que costumamos chamar de diário, a menos que algum dia encontre um verdadeiro amigo, isso provavelmente não vai fazer a menor diferença. Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo. [...]. (Frank, 1942, p. 19)

Quando escrevemos, tomamos a escrita como uma linguagem que vai além das palavras; ela se torna uma ferramenta cultural complexa, como bem descreve Vygotsky (2000). Escrever nos permite não apenas registrar, mas também lembrar e reinterpretar nossas experiências, emoções, fantasias, e acontecimentos, oferecendo múltiplas camadas de significado à nossa realidade pessoal, social, cultural, política e científica (Pérez; García, 2001).

É com base nessas reflexões que quero explorar a profundidade do ato de escrever, seus efeitos e sua importância, a partir da visita que fiz ao Museu "Casa de Anne Frank" em Amsterdã, durante minha imersão artística em 2023. Anne Frank, uma adolescente alemã, filha de Otto e Edith Frank, era parte de uma família judaica de Frankfurt. Em seu 13º aniversário, recebeu de seu pai um presente especial: um diário. Foi nele que Anne registrou suas percepções sobre a guerra e o mundo ao seu redor, enquanto sua família, refugiada na Holanda, se escondia dos horrores e perseguições nazistas. Cada página escrita por Anne não apenas capturava o desespero e a esperança em meio ao caos, mas transformava o ato de escrever em um gesto de resistência e sobrevivência.

O museu se instala na casa onde Annelies Marie Frank morou com a família, o que nos confere maior facilidade para associarmos os fatos, o ambiente, os objetos entre tantas outras coisas que ela registra no diário a citar: o anexo secreto, a sua escrivania e outros. Uma exposição em que: fotos, citações do diário e, recursos audiovisuais roteirizados, contam a história de como foi a vida da menina judia que escreveu um diário relatando a sua vida cotidiana e nos deixando pistas como:

..... Artigo

Sábado, 20 de junho de 1942 - Fiquei alguns dias sem escrever porque queria, antes de tudo, pensar sobre meu diário. Ter um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de 13 anos. Bom, não faz mal. Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito.” - (Frank, 1942, p. 18)

Não posso deixar de mencionar que, estar ali, naquela imersão, ascendeu o meu olhar sobre o quanto daquela relação com a escrita se fez efeito terapêutica para Anne. Ela, interagiu com a escrita – escreveu um diário - na crise, na guerra, escondida em um lugar com péssimas condições de habitação. Mantê-lo nesta adversidade, foi uma atividade discreta, longe do olhar de outrem. Cada informação que eu acessava no Memorial de Anne, me fez refletir que foi através do refúgio ao seu diário, que ela não se perdeu de si: “11 de Abril de 1944 - Se ao menos eu pudesse ser eu mesma, ficaria satisfeita.” - (Frank, 1944, p. 292)

Aproximar-me do testemunho de Anne foi como mergulhar na essência do que a escrita pode (re)significar para a nossa existência e perceber os efeitos e deslocamentos que essa relação nos proporciona. O diário de Anne não foi apenas um repositório de pensamentos, mas uma ferramenta de sobrevivência emocional em meio ao horror de um sistema de perseguição nazista. Escrever, para ela tomou um lugar de refúgio, um jeito de aliviar o peso da ansiedade, lidar com o estresse e, talvez, encontrar algum conforto em si, no meio do caos.

Damião e Sacristán (2005), sugerem que a escrita permite ao sujeito se reposicionar em sua própria experiência, favorecendo a construção de sentidos e abrindo espaço para a reflexão crítica sobre si e a sua relação com o mundo. Nessa mesma direção, Barthes (1984) convoca refletir sobre, ser o texto, um tecido de significados que se constrói e reconstrói a cada leitura. Sem ser tendenciosa, a escrita de Anne, então, não foi apenas uma válvula de escape emocional, mas também um modo de transformar suas experiências em algo maior, de partilhar suas dores e esperanças com o mundo.

Além disso, a escrita pode ser compreendida como um campo de experiência, como ressalta Larrosa (2002), quando afirma que “a experiência não é o que nos acontece, mas o que fazemos com o que nos acontece”. Ao escrever, Anne não apenas relatava os eventos externos de sua vida, mas ressignificava sua própria vivência, construindo um espaço íntimo de resistência e humanidade.

..... Artigo

Não é difícil imaginar que, ao preencher aquelas páginas com suas palavras, Anne tenha experimentado momentos de alívio, ainda que cercada por tanto desalento. Sua escrita, permeada de medo e angústia, também revela uma esperança latente por dias melhores, um ideal de liberdade e sonhos que nunca cessaram, mesmo nas circunstâncias mais cruéis. O que ela via e sentia, confiado ao diário, divide a atenção entre um relato de guerra, uma confissão íntima de sua humanidade e um convite à emoção.

Transcende o tempo, carregando em si não apenas a força de um registro histórico, mas também um poderoso legado cultural e afetivo, lembrando-nos do impacto transformador que o ato de escrever pode ter, tanto para quem escreve quanto para quem lê. Como nos aponta Larrosa (2002), "a experiência se dá quando aquilo que nos acontece nos toca e nos transforma". A escrita de Anne Frank não só registra o que aconteceu, mas traduz a profundidade de suas vivências e a maneira como ela foi tocada e transformada pelos eventos ao seu redor, fazendo com que seu diário seja muito mais do que uma narrativa de guerra, mas uma testemunha viva de sua experiência.

Assim como as cartas de Van Gogh, o Diário de Anne Frank assume a importância de um documento histórico, pois fornece um testemunho vivo das atrocidades sofridas pelos judeus sob o regime nazista. Mais do que um relato pessoal, o diário oferece evidências detalhadas sobre as dificuldades enfrentadas durante a Segunda Guerra Mundial, revelando a brutalidade da opressão, a aniquilação de milhares de vítimas e os conflitos cotidianos vividos em segredo.

A riqueza dos pensamentos compartilhados por Anne tornou seu diário uma fonte de estudo essencial para diversas áreas do conhecimento. Seu nome e suas palavras são amplamente citados em campos como educação, literatura, linguística, ensino de leitura e produção de textos, psicologia, história, sociologia e antropologia. O diário, assim, transcende sua função pessoal, ganhando relevância universal como um documento que ilumina múltiplas perspectivas e enriquece diversas abordagens acadêmicas e científicas.

Um texto que a todo instante, nos inclina perceber que, a relação com a escrita precede um deslocamento subjetivo de quem escreve, a percepção de ser um autor. Precede habilidades socioemocionais como: autonomia, protagonismo e criatividade. Escrevemos para chegar a alguém, para nos fazer ouvir, para narrar o que vivemos ao outro, não mais “eu” (Meira, 2016). Talvez nos perguntemos: Será que Anne sabia disso,

..... Artigo

de toda essa intenção sistemática, da compreensão de todos esses conceitos e teorias sobre o ato de escrever?

Ao unir a leitura da obra de Anne Frank à vivência no Museu, sinto-me atravessada pela força da escrita e seu poder transformador. O registro de fatos, fotos e citações não apenas nos transporta para os eventos, mas nos leva de volta a nós mesmos, ao outro e ao mundo. A escrita surge como um gesto que eterniza histórias, preserva memórias e tece pontes que atravessam tempos, conectam espaços e unem almas. Entre os papéis do diário, o pai de Anne encontrou anotações em que ela expressava o desejo de ser escritora ou jornalista, com a intenção de publicar as histórias que vivia naquele anexo secreto. Hoje, ela é uma autora póstuma, uma das mais lidas no mundo, e suas palavras continuam a ecoar através das gerações.

Assim como Anne, carregamos dentro de nós uma potência capaz de transformar nossas vivências em algo extraordinário. O que nos atravessa, o que sentimos e experienciamos, pode ser moldado e compartilhado, tal como ela fez, independentemente das circunstâncias. Todos nós, em nossa singularidade, somos capazes de escrever e criar histórias que, com o mesmo poder de suas palavras, podem inspirar, curar, ou mesmo mudar o mundo. O que Anne conseguiu com sua escrita prova que, mesmo diante das adversidades, temos dentro de nós o potencial de eternizar nossas experiências e deixar um legado que ressoe nas gerações futuras.

O Diário de Anne Frank se tornou um documento essencial ao humanizar as vítimas do Holocausto, dando rosto e voz a pessoas reais, com sonhos, esperanças e medos. Sua escrita nos oferece um ganho inestimável de consciência histórica, mantendo viva a memória e ajudando a alertar gerações sobre os perigos do ódio, da intolerância e da discriminação. Nas entrelinhas, emergem mensagens de amor e esperança, mesmo em meio à adversidade, revelando o quanto a escrita pode ser uma âncora em tempos de escuridão.

A escrita é uma ferramenta poderosa que nos permite transcender o cotidiano e construir pontes entre nossas vivências e o mundo ao redor. Mais do que apenas registrar pensamentos, ela transforma o invisível em algo tangível, deixando rastros que atravessam o tempo. Anne e Van Gogh, em suas jornadas, demonstraram como a palavra escrita e a arte podem captar a profundidade das emoções e refletir a história de uma

..... Artigo

época. Assim, a escrita se torna um ato de representação, carregando em si fragmentos de memórias, sentimentos e contextos, conectando o autor a um legado maior.

Escrever é se autorizar a emergir como voz ativa na criação de narrativas que, como pinceladas ou diários, dão forma às experiências humanas e preservam quem somos e o que sentimos. Nesse processo, a escrita nos convida a refletir sobre o impacto das nossas palavras. Afinal, assim como Anne moldou suas vivências e Van Gogh esculpiu emoções em cartas, o que estamos criando com nossas próprias palavras? Que legado deixaremos para as gerações futuras?

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Apresentação. In: CINTRA, A. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

BECKER, Howard S. **Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EdUC, 1999.

CAVAJAL PÉREZ, F.; RAMOS GARCÍA, J. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DAMIAO, Sandra; SACRISTÁN, Julián. **Escrita e reflexão: uma abordagem crítica**. São Paulo: Cortez, 2005.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: _____. **Ditos e escritos, III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 69. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HABERMAS, Jürgen. **Théorie de l'Agir Communicationnel : Rationalité de l'Agir et Rationalisation de la Société**. v. 1. Paris: Fayard, 1987.

..... **Artigo**

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas Sociais: Lineamentos para uma Teoria Geral**. Barcelona: Anthropolos, 1998.

MEIRA, Ana C. S. A escrita: a voz do ausente. *Revista de Estudos Psicanalíticos*, São Paulo, SP, dez. 2016. Disponível em: http://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2014_2015_2016/A_escrita_voz.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

SILVA, Marília Zampieri; GOTO, Tommy Akira. Aportes de uma psicologia fenomenológica da dor e do sofrimento. In: FEIJOO, A.; LESSA, P. (Orgs.). **Fenomenologia e práticas clínicas II**. Rio de Janeiro: IFEN, 2017.

VAN GOGH, Theo. Cronologia. In: VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Théo**. Porto Alegre: L&M, 2002. 420 p.

VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Théo**. Porto Alegre: L&M, 2002. 420 p.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Submetido em: 2024-09-18

Aceito em: 2024-10-14